

ESTRATÉGIA BEM FEITA DÁ CERTO

Quando me formei em Agronomia pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, em 1965, o Brasil tinha 400 mil hectares plantados com soja, todos no Rio Grande do Sul, cuja produtividade era em torno de 1.200 quilos/ha. Em 2021 a expectativa é de um plantio de 40 milhões de hectares em todas as regiões do país, colhendo mais de 3.500 quilos/ha.

O que causou este espantoso crescimento?

Foram 3 fatores principais. O primeiro, sem dúvida, foi tecnológico. O cerrado, até então olhado com desdém pelos produtores rurais tradicionais por causa da pobreza de seus solos, foi “domado” por trabalhos de pesquisa iniciados pelo Instituto Agrônomo de Campinas na década de 60 e completados com grande sucesso pela Embrapa, através do seu Centro de Cerrado nos anos 70 e 80, permitindo a abertura do Centro-Oeste e mais tarde da região do Matopiba, e alavancando 3 importantes atividades agropecuárias: a soja, a brachiaria e o gado zebu. Depois vieram outras, como o algodão, o milho em duas safras (de verão e de inverno), o sorgo, o reflorestamento, o cruzamento industrial na pecuária de corte, o leite, a cana de açúcar e mais recentemente a integração lavoura pecuária floresta, o trigo irrigado, tudo centrado na sustentabilidade.

O segundo foi o produtor empreendedor que migrou para aquele sertão. Começou com a chegada de sulistas, principalmente gaúchos. Verdadeiros bandeirantes ou desbravadores contemporâneos, estes modernos heróis nacionais largaram tudo para trás e, com determinação e coragem foram para a fronteira agrícola recém identificada e firmaram raízes fortes e definitivas. Trocaram 50 hectares no Rio Grande do Sul por mil de cerrado e iniciaram uma revolução que só tem paralelo na conquista do Oeste nos Estados Unidos. A estes pioneiros se somaram catarinenses, paranaenses, paulistas, mineiros, nordestinos e nortistas, formando uma raça forte que o vigor híbrido viabiliza.

E o terceiro foi um conjunto de políticas públicas muito bem articuladas, sobretudo partindo do Governo Federal, calcado na estratégia de ocupar o território expandindo a fronteira agrícola, com Planos ambiciosos. Objetivando criar uma forte classe média rural, a partir de crédito rural farto e subsidiado, na região onde havia muita terra disponível e barata, o Polocentro surgiu com o II Plano Nacional de desenvolvimento, de 1975 e vigorou até 1984, dando as bases para o Prodecir (Programa Nipo-Brasileiro de Desenvolvimento Agrícola da Região dos Cerrados), assinado em 1975 entre os governos brasileiro e japonês, visando aumentar a produção de alimentos para o mercado interno e exportação (priorizando o Japão), contribuir para o desenvolvimento regional do Centro-Oeste, incorporar a vastidão do cerrado ao sistema produtivo nacional e

viabilizar empreendimentos agrícolas de médio porte para agricultores experientes de outras áreas, em especial do Sul.

Este modelo espetacular de desenvolvimento mostra que planos estratégicos bem estruturados, lastreados em tecnologia e garantia de renda e progresso, atraem gente empreendedora e capaz, gerando empregos e riqueza para o país.

*** Roberto Rodrigues - Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**